revista f@ro
Nº15 (2012) - Estudios
Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Playa Ancha
Valparaíso, Chile | e-ISSN 0718-4018
http://www.revistafaro.cl

Os vazios de sentidos na cultura midiática

Milton Pelegrini*
Universidade Catolica de Sao Paulo - Universidade Paulista, Sao Paulo, Brasil.
prof.pelegrini@gmail.com

Recibido: 22 de abril de 2012
Aceptado: 22 de junio de 2012

Resumo • A cultura da escrita com base nos registros em papel deu lugar a novos ambientes de comunicação, de circulação da informação e contribuiu com o desenvolvimento das culturas contemporâneas. Entretanto, algumas sombras se projetam sobre o espectro dos meios de comunicação, especialmente a crença na "redenção" dos cenários comunicativos para os grupos sociais criados pelo e para os mercados da informação. A descontextualização da informação e as frequentes descontinuidades tecnológicas nos obrigam a redefinir a importância do papel da memória coletiva depositada nestes registros em papel e nos novos métodos de observar este fenômeno nos meios de comunicação. É preciso uma Teoria da Mídia capaz de absorver as teses sobre o esquecimento, sobre o vazio para entender o papel dos meios nos ambientes comunicacionais contemporâneos.
Palavras Chave • Esquecimento / Memoria / Comunicação Cultural / Impermanência / Cultura Midiática.

Abstract • The culture of writing based on paper records gave rise to new communication environments, circulation of information and helped the development of contemporary cultures. However, some shadows are projected on the spectrum of media, especially the belief in unlimited redemptive scenarios for social groups created by and for the information market. The descontextualization of informations, to perish of the mediatic supports and frequent technological discontinuities are forcing us to redefine the importance of the role of collective memory deposited in these paper records for new methods of observing the media phenomenon. Lack a Theory of Media capable of absorbing the theses about forgetting, about the emptiness, about

* Universidade Católica de Sao Paulo y Universidade Paulista, (Sao Paulo, Brasil). E-mail: prof.pelegrini@gmail.com

the abstraction as understanding of the role of media in the contemporary communication environments.
Key Words • Oblivion, memory / Cultural communication / Impermanence / Mediatic culture.

Há uma emblemática passagem na ata de condenação de Giordano Bruno[1] que poderia representar o espírito do nosso tempo em sua necessidade de desmemorizar coletivamente o mundo através de um sistema de controle e de gestão midiáticos. Na sentença de 8 de fevereiro de 1600, nove cardeais condenavam o frade dominicano escritor à morte na fogueira além da queima de seus livros nas escadarias da Praça de São Pedro, em Roma. A similaridade entre a decisão da "Congregação da Sacra, Romana e Universal Inquisição do Santo Ofício" e a prática cotidiana dos meios hegemônicos de comunicação está na promoção do esquecimento como estratégia de poder. Em ambos os casos, evitar a sobrevida das ideias e dos fatos nos suportes midiáticos tem servido, desde a Idade Média até os dias de hoje aos propósitos dos que fazem a gestão político-econômica dos grupos sociais. Fazer esquecer rapidamente Giordano Bruno (junto com seus livros) foi uma das ações tomadas em favor da obsolescência de suas ideias programadas pelo Santo Ofício. E conviver com o esquecimento cada vez mais rapidamente tem sido um efeito colateral para todos os que consomem informação nos cada vez mais eficientes sistemas de armazenamento de informação.

Desde milhares de anos a memória era o principal instrumento de transmissão de conteúdos que compunham qualquer história social. O que podia-se compreender como memória coletiva era a legitimação de um processo comunicativo de preservação fundada nas histórias vividas e compartilhadas em bases não documentais. A vinculação dos membros dos grupos sociais era normatizada por regras não escritas, e sua preservação, para que acontecesse, precisava da manutenção coletiva e periódica desses conteúdos. Isso significava atualizar a compreensão de uma história com base em novas interpretações, sempre contextualizada, todas as vezes que esses registros fossem evocados para explicar cada novo momento histórico. A memória coletiva representava um legado comunicacional consuetudinário, daí sua importância para compreender como a cultura ativa mecanismos de preservação e uma lógica de permanência para enfrentar a inevitável tendência à finitude que submete, inexoravelmente, a condição humana. É o que define Maurice Halbwachs ao conceituá-la:

> "Memória coletiva é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que não tem nada de artificial, já não retém do passado nada do que ainda permanece vivo ou é capaz de permanecer vivo na consciência do grupo que a mantém." (HALBWACHS: S/P)

E isso é anterior à lógica dos registros que, ainda que pudessem estar fora do corpo, precisavam da memória dos indivíduos para a produção de sentido, pois era preciso compreender o contexto dessas informações para conferir

mais ou menos credibilidade aos conteúdos nesses suportes. Uma lógica que foi gradativamente transformando a escrita manual em fiel depositária dos conteúdos a serem preservados. Até então, os suportes eram apenas meios materiais de preservação. Morin explica que "*nossas percepções não são controladas somente por constantes fisiológicas e psicológicas, mas também por variáveis culturais e históricas*". Por causa disso é que o advento da prensa de Gutemberg gera uma outra lógica de permanência, agora fora da memória coletiva. A história se transforma em historiografia, que nas palavras de Heidegger, assume a ideia de uma ciência que tem "*como tarefa própria a abertura do que é histórico*[2]". O livro impresso legitima-se como arquivo dos documentos e transforma-se em instrumento de registro histórico. Isso facilita o descredenciamento do homem de sua própria história, uma vez que as normas estabelecidas pelos costumes precisavam estar escritas e acessível aos poucos membros letrados do grupo. É preciso lembrar que o livro impresso criou o analfabeto, um sujeito destituído da capacidade de conhecer a história de seu grupo social e, portanto, incapaz de manter vínculos de pertencimento. Em resumo, uma mudança em favor de um processo de exclusão social por incapacidade de compreender um tipo de memória já não mais vivenciada coletivamente, mas compartilhada seletivamente pelo domínio do código verbal-escrito.

Cabe considerar aqui a importância que os registros passaram a ter não apenas no sentido de qualificar o passado, mas também de criá-lo, modificá-lo, omiti-lo, falseá-lo, ratificá-lo, retificá-lo, despistá-lo, apagá-lo, invertê-lo, reinventá-lo, reescrevê-lo, redirecioná-lo, legitimá-lo, enfim, atualizá-lo pelo método do arquivamento do presente. Dentro desta "lógica da escrita" pressupõe-se que o registro é uma unidade fundamental no brutal esforço civilizatório na gestão de um presente com finalidades de constituição de memória. E foi assim que estruturamos o "Processo Civilizador" ocidental: tornamos o registro do presente uma forma de garantir a memória passada

Esse deslocamento gerado pela prensa e os tipos móveis na maneira como o homem passaria a compreender sua própria história, começa a modificar as relações de entendimento de vivência e de mundo para a civilização ocidental. A crença de que o conhecimento com base na informação e na ciência era o motor de uma nova etapa civizatória viabilizou todos os investimentos e todas as fichas nos meios de armazenamento. Isso permitiu ao homem considerar que os suportes de informação passariam a ser os fiéis depositários de uma memória baseada na historiografia documental. O empenho de Aristóteles pela procura de um metódo para construir arquivos de memória estaria garantido através das publicações impressas. Aos poucos, o entendimento de mundo seria fruto de informação impressa e arquivada, disponível aos que dominavam um código comunicacional específico. Entrava-se no século XVII e a "Razão" iluminaria o caminho dos

que passavam a compreender o mundo pela informação. Pensadores como René Descartes e Voltaire (França), Adam Smith (Escócia), John Locke (Inglaterra), Bento de Espinosa (Holanda) e Immanuel Kant (Alemanha) refletiram sobre uma lógica que privilegiou a razão em detrimento da vivência do mundo. Assim, por exemplo, as grandes navegações, que eram experiências vividas pelos desbravadores dos oceanos poderiam ser conhecidas pelos relatos de viagem impressos, pelos mapas-mundi recém desenhados e publicados, pelos documentos das cortes impressos para a colônia etc.

A civilização ocidental passaria a se compreender como resultante de uma cultura midiática nascida dos livros, dos mapas, das tabelas, dos desenhos, dos compêndios, das enciclopédias, enfim, nascida de suportes informativos impressos. Filosofias, Teologias e as ciências floresceram a partir de publicações. Medicina, Geografia, Química, Biologia, Sociologia etc. são fragmentos derivados dos arquivos de conhecimento. Pensar como decorrência do saber impresso significa, desde então, existir. Uma existência configurada por uma cultura midiática em sua essência.

É nesse caldo de cultura que surgem os aparelhos[3] que passam a ler o mundo de um modo até então nunca experimentado. Depois do advento dos tipos móveis a única história possível era a que estava impressa, a única cultura possível era a gerada pelas publicações. Assim pode-se tentar entender o papel que os veículos de comunicação tiveram como articuladores de todas as grandes revoluções técnicas, sociais, políticas e econômicas surgidas desde então nascidas de uma cultura já profundamente midiática. Sob esse ponto de vista pode-se considerar que o surgimento de uma lógica protestante (a partir da publicação impressa da Bíblia) consolida a perspectiva do surgimento de uma concepção de ciência fragmentada nos arquivos especializados, primeiro impressos nos compêndios de física mecânica, depois de hidráulica, depois de eletricidade (culminando na Revolução Industrial), além de vetorizar por meio dos folhetins e panfletos o espírito de transformação social (iniciado pela Revolução Francesa). É pouco provável que tudo isto tenha ocorrido sem a mediação de veículos comunicacionais no grau e na escala de importânica que eles tiveram nesses processos.

Os sistemas de mediação impressos e os eletroeletrônicos tiveram importância prepoderante nas transformações geopolíticas do mundo do Iluminismo da civilização ocidental. O arquivamento de informações serviu como base de uma memória organizada seletivamente, pois ao mesmo tempo em que se decidia o que era informação plausível do/para esta nova forma de ver o mundo vaticinava-se o que estaria condenado ao esquecimento. Assim, a perspectiva de uma lógica comercial que permitiu o surgimento dos veículos impressos e os de natureza eletroeletrônica que é,

para referência deste trabalho, a mesma que, sobrevalorizando o foco nas informações e numa memória tecnificada, também credencia-se como motivadora de um esquecimento coletivo, com base num tipo de obsolescência programada para as informações. O tempo, sobretudo o "tempo presente", é aquele que atualiza os relatos informativos do homem sobre o mundo. A ciência e a técnica atualizam as informações sobre o mundo e a cultura ocidental passa a assumir um vetor de orientação para frente e cada vez mais rapidamente, delineando o conceito de "progresso" como entende-se hoje.

O desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação impressos foram notados quase sempre pela ampliação da capacidade de armazenagem de informações, observada no design de tipografia que permitiu o incremento do número de páginas e maior capacidade de impressão e pela ampliação do espaço de distribuição. Foram avanços constituintes de uma lógica capitalista que se projetou de modo hegemônico sobre o mundo em todos os campos do conhecimento.

Os sentidos da história

Se hoje há consenso sobre o fato de meios de comunicação se constituirem como *locus* de preservação de uma "memória histórica" é porque eles vêm desempenhando um papel ativo para as sucessivas gerações (desde o Iluminismo) na leitura e na compreensão dos "tempos presentes" cada vez mais efêmeros e obsoletos. Os registros históricos ativos ou *mnéme*[4] efetuados desde então pelos meios de comunicação legitimam-se como unidades de referência histórica e transformam os sistemas de mediação em agentes de *anâmnesis*[5]. Daí considerá-los simultaneamente como articuladores de uma historiografia com base na importância documental e como instrumentos de poder pela crescente capacidade de construção de uma memória social, elegendo os dados para armazenagem e o descarte das informações para o esquecimento.

Os avanços tecnológicos foram definidores de períodos nos quais os sistemas de mediação se alternaram no exercício hegemônico na produção da memória histórica e das memórias sociais. E o processamento desses avanços seguiu estritamente à lógica produtiva do capital que atuou também como organizadora destes registros, atribuindo importâncias e (des)importâncias para a organização social dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI. Entretanto, o acesso à história feito pelos sistemas de mediação impressos e eletroeletrônicos representa apenas uma forma específica de compreensão da história, como aponta a pesquisadora Carla Cordua:

> "A maneira peculiar da história como disciplina científica, cujo objeto de estudo e reflexão é, precisamente, o passado enquanto tal, não é mais

> do que um modo de tratá-lo entre outros. Ainda que geralmente privilegiado pela convicção dos últimos séculos, e também, segundo algumas opiniões, a única concepção correta e séria de seu objeto, ela se caracteriza por uma parcialidade e aridez que compara de modo desfavorável com outras manifestações do pretérito". (CORDUA: 2000, pág. 3).

Manifestações como a tradição, que sempre teve relevância como uma das maneiras consensuadas de conhecer o passado, à medida que a convicção Iluminista foi retirando-lhe valor em detrimento de uma racionalidade emergente, gradualmente perdem importância para a criação da memória coletiva. Apenas o que foi conhecido pela experiência da "ciência das luzes", que está escrito e cujo acesso irrestrito à informação produzida a partir do advento da prensa pode ter seu valor como mercadoria medido pelo seu valor de uso. A mídia vai se transformando em porta-voz da realidade do mundo a ser "conhecida" pelos que a ela têm acesso.

Assim, ao aliar a importância dos sistemas de mediação como arquivos de memória de uma história escrita, a lógica produtiva do capital passava a controlar o curso civilizatório ativando um ordenamento cronológico de importância para o conhecimento, a antever um período de duração e importância para esse conhecimento e a estimular as reconfigurações das sociedades sob a perspectiva do consumo, afim de vetorizar a direção do "progresso" para projetos coletivos. Projetos esses que foram desenhados a priori por essa mesma lógica, interessada em sua própria perpetuação através do controle técnico dos processos de armazenamento e distribuição de informação[6]. Os sistemas de mediação, podem, neste sentido, ser entendidos como estratégias hegemônicas de poder exercidas pelos modelos de negócio que surgiram como articuladores de uma memória histórica. Incluem-se neste processo o livro impresso, os periódicos de notícias, a fotografia, o rádio, a televisão e seus sub-produtos[7] e as interfaces digitais na Internet (que integram esses sistemas em um novo ambiente, profundamente marcado pela lógica de mercado e nas estratégias de controle pelos processos de produção e armazenamento codificados tecnicamente). Uma prática já antevista na advertência do rei egícpio Tammuz para o lendário inventor da escrita Toth, contada por Platão por meio de Sócrates em sua obra "Fedro", sobre os inevitáveis perigos da aposta de todas as fichas na construção de uma história com base na memória escrita:

> "Esta sua descoberta criará uma tendência ao esquecimento na alma de quem aprende, pois ele não usará a memória; confiará nos caracteres escritos e não recordará por si mesmo. O que você descobriu não é uma ajuda para a memória, mas para a recordação, e você não dá a verdade aos seus discípulos, mas uma representação da verdade;

> escutarão muitas coisas e não aprenderão nada; permanecerão oniscientes e não saberão nada; serão uma companhia chata que aparenta sabedoria sem que ela seja real". (BOORSTIN: 1997, pág. 177).

Esses "efeitos colaterais" da lógica da escrita sobre o homem contribuem para entender o esvaziamento de sentidos que a cultura ocidental, baseada nesses instrumentos de armazenagem e distribuição de informação, tem impelido ao conjunto das sociedades. A idéia de um mundo que pode ser explicado e entendido a partir da organização de dados históricos armazenados proprietariamente[8] sugere um mundo descorporificado, amoral e politicamente asséptico onde a historiografia é resulta de um arquivamento e de um acesso a esses arquivos bem sucedidos tecnologicamente. Novamente o dilema entre informação e conhecimento, entre o relato de um fato e o próprio acontecimento se coloca como problema fundamental para a construção de uma história com bases documentais. As peculiaridades da autoria do registro, os interesses políticos e econômicos em torno desses registros e, muitas vezes, o contexto dos próprios registros são eclipsados pelos meios de comunicação que credenciam a veracidade do que publicam. Desde a "virada" epistemológica do Iluminismo a mídia é a porta-voz de um mundo objetivamente concebido, esvaziado de "humanidade". A constatação de Baudrillard recoloca a questão sob as bases de uma história construída por simulações, por representações:

> "Toda nossa história fala deste show da razão, por sua vez em processo de desmontagem. Nossa cultura do sentido se mescla sob o excesso de sentido, a cultura da realidade se mescla sob o excesso de realidade, a cultura da informação se mescla sob o excesso de informação... ...Tentam-nos persuadir da boa finalidade da técnica, que façamos como se o meio artificial fosse uma segunda natureza, que selecionemos exclusivamente os reflexos automáticos... ...Tentam apagar qualquer reflexo sobrenatural do pensamento, que reaciona institivamente à ilusão do mundo, que joga a ilusão do mundo contra o próprio mundo..." (Baudrillard: 1996, págs. 16-17).

Os sistemas de mediação como condutores e produtores de consensos em torno da lógica técnica[9] são os mesmos que esvaziam o sentido de um mundo percebido pelos sentidos do homem. Frutos dos desenvolvimentos técnicos, esses veículos ajudam a produzir, armazenar e distribuir registros obtidos pelas máquinas de ver um novo mundo. A realidade se inscreve de tal modo nos meios de comunicação que são eles, desde então, que emulam o mundo. O estabelecimento de uma cultura midiática é a resultante bem sucedida dos diversos processos técnicos de armazenagem e de acesso a esse mundo, tornado possível por uma lógica hegemônica produtiva do capital e pelo consumo midiático dessas informações. Por esta linha de raciocínio teria sido mais interessante (como estratégia política para

a Inquisição) queimar o registro da sentença para promover o esquecimento das ideias de Giordano Bruno.

Referencias bibliográficas

Aristóteles, *"Del sentido y lo sensible. De la memoria y el recuerdo".* Aguilar. PsiKolibro. Disponível em: http://psikolibro.blogspot.com/2007/11/libros-gratis.html Acesso em 5 maio de 2011.

Augé, Marc, (1998). "Las formas del olvido." España, Barcelona: Editorial Gedisa.

Bacon, Francis, (1988). "Novum organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza." Col. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural.

Baitello Jr., Norval, (1999). "O animal que parou os relógios." São Paulo: editora Anablumme.

Baudrillard, Jean, (2002). "A troca impossível." Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

(1996) "A troca simbólica e a morte." Portugal, Lisboa: Edições 70.

Benjamin, Walter, (1980). "Imaginación y sociedad." Espana, Madrid: Taurus ediciones.

Borges, Jorge Luis (2001). "História da eternidade". São Paulo: Globo.

Boorstin, Daniel J. (1995). "O nariz de Cleópatra. Ensaios sobre o inesperado." Lisboa: Gradiva.

(1996). "Los descubridores. Volumen II: la naturaleza y la sociedad." España: Grijaldo Mondadori.

Browne Sartori, Rodrigo y Silva Echeto, Víctor, (2004). "Escrituras híbridas y rizomáticas. Pasajes interticiales, pensamiento del entre, cultura y comunicación." España, Sevilla: Arcibel editores.

Cardua, Carla, (2000). "Tratando con el passado", trabalho apresentado in: I Congreso Internacional de Filosofía de la Historia, Buenos Aires, Argentina.

Coimbra, Carlos Alberto (1989). "A Arte da Memória e o Método Cientifico: da memória artificial a inteligência artificial ". Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 146-152.

Elias, Norbert, (1998). "Sobre o tempo." Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores, 1998.

Gagnebin, Jeanne Marie (2006). "Lembrar, Escrever, Esquecer". São Paulo: Editora 34.

Halbwachs, Maurice (1990). "A memória coletiva". São Paulo: Vértice.

Heidegger, Martin (2005). "Ser e Tempo", vol. II. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Marto, Pilar Pereila (2005). "La pérdida del sentido comum en Hannah Arendt". Revista Thémata.

Morin, Edgar (1999). "As grandes questões do nosso tempo." Portugal, Lisboa: Notícias editorial.

Nietzsche, Friedrich (1998). "On the Use and Abuse of History for Life". 1873. Translated by Ian C. Johnston Liberal Studies Department Malaspina University-College Nanaimo, British Columbia . September.

Pelegrini, Milton (2005). "Mídia e Temporalidades. O roubo do presente na construção coletiva do futuro na comunicação eletroeletrônica ". Tese Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica.

Ricoeur, Paul (1999). "La lectura del tiempo passado: Memoria y Olvido." Madrid: Arrecifes Producciones.

1 Ex-frade dominicano, teólogo, filósofo e escritor, Giordano Bruno nasceu em 1548 em San Giovanni del Cesco, nas cercanias de Nola, então Reino de Nápoles. Conhecedor das técnicas de memorização usadas pela Igreja como instrumento mágico de controle da história, publicou, após seu desligamento da Ordem de Santo Domingo, "*De umbris idearum y Cantus circaeus*" (1582) onde explica que o processo de memorização não era mágico, mas fruto de uma ciência de armazenamento de informações. Por este livro e outros que consubstanciavam sua leitura de mundo, foi considerado herege e morreu queimado vivo na fogueira da Santa Iquisição no dia 17 de fevereiro de 1600, às 6 horas da manhã, em Campo di Fiori. Assinaram a ata de condenação de Giordano Bruno oito cardeais: Ludovico Madruzzo, Giulio Antonio di Santa Severina, Pietro Deza, Domenico Pinelli, Fra Girolamo [Bernerio] D'Ascoli, Ludovico Sasso, Camilo Borghese, Pompeo Arrigoni e Roberto Bellarmino.

2 Martin Heidegger *in:* Ser e Tempo, parte II, pág. 199.

3 As ferramentas articuladoras dos arquivos impressos em série como memória artificial e os instrumentos de observação mudaram a forma como se articularia o estofo para o surgimento do Iluminismo. Pode-se considerar a seqüência de descobertas como indícios da mudança de vetor da cultura ocidental, como por exemplo os tipos móveis de Johannes Guthenberg (usados em 1439) , o microscópio ótico (inventado por Zacharias Jansen, em 1595), o Telescópio ótico (utilizado para observar as estrelas por Galileu Galilei, em 1609), o Daguerreótipo (aparelho de captação de imagens precursor da fotografia inventado por Louis Daguerre, em 1837), o Telégrafo elétrico (aparelho de transmissão de sinais sonoros para serem convertidos em letras, inventado por Samuel Morse, patenteado também no ano de 1837) e o advento matemárico das ondas eletromagnéticas feitas por James Maxwell em 1873 (e a posterior patente do aparelho de transmissão de ondas sem fio realizado pelo padre Roberto Landell de Moura em 1901). Eles permitiram uma reconfiguração de entendimento sobre o estar no mundo a partir dos processos de mediação caracterizando a importância que os meios viriam a assumir no contexto histórico do século XX.

4 Definido por Aristóteles como agentes de conservação do passado.

5 Definido por Aristóteles como instrumentos de ativação das informações armazenadas.

6 Convém lembrar que a impressão em grandes tiragens de mapas, livros, periódicos etc. sempre esteve controlada, de um modo ou de outro, à administração do poder vigente nas diversas etapas civilizatórias ocidentais, conferindo às técnicas de armazenagem e de reprodução verdadeiros instrumentos de legitimação histórica e de poder.

7 Vídeo analógico e digital e seus instrumentos de gravação e reprodução.

8 Constituídos sobretudo pela apropriação da informação e pelo controle de sua transmissão. Licenciamentos, direitos de reprodução e de cópia, patentes e outras formas jurídicas de apropriação e controle de informação

9 Hoje, lógica técnica não pode ser entendida sem o viés da lógica do capital, em sua consensuada tarefa de condução do processo civilizatório a um futuro redentor para a humanidade em todos os aspectos. O conceito de "progresso" é sinônimo desta lógica técnica.